

sesc^{tv}

Maio/2015 – edição 98
sesc.tv.org.br/aovivo

NA SOMBRA DA HISTÓRIA
**UMA REFLEXÃO SOBRE
O PASSADO DO BRASIL
EM NOVA SÉRIE**

ENTREVISTA
**JOÃO BATISTA DE ANDRADE
E A MEMÓRIA DO BRASILEIRO**

CURTAS-METRAGENS
**FILMES ABORDAM CONFLITOS
NA INFÂNCIA E NA VELHICE**



Arrigo Barnabé

Dia 21/6
DOMINGO
21H30

Acompanhe o SescTV:
sesctv.org.br



INSTRUMENTAL
SESC BRASIL

Compreender e se apropriar de fatos e de elementos históricos é parte do processo de construção da identidade de um povo. Nesse sentido, conhecer e refletir sobre as diferentes fases e passagens da História torna-se uma ação permanente e não restrita apenas aos ambientes escolares. Ao se debruçar sobre seu passado, a sociedade encontra elementos para se estruturar em seu momento presente e planejar suas ações futuras. Diversas são as ferramentas disponíveis para essa mediação, dentre as quais a linguagem audiovisual, por seu impacto e alcance. Neste mês, o SescTV estreia a série *Na Sombra da História*, dirigida por João Batista de Andrade. Com 13 episódios, a série propõe uma reflexão sobre a história do Brasil, a partir da leitura de passagens marcantes, por pessoas escolhidas aleatoriamente nas ruas.

Refletir sobre a condição social brasileira também é foco do documentário inédito *Um de Cada Dez*, direção de Mario Kuperman. O filme costura imagens da região brasileira do semiárido a depoimentos de seus habitantes, apresentando um panorama sobre a vida no sertão. Outro destaque da programação deste mês é a exibição dos curtas-metragens que receberam o Prêmio Aquisição SescTV no 25º Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo: o brasileiro *Kyoto* e *O Último (Sonuncu)*, do Azerbaijão. Ambos expõem conflitos em fases extremas da vida, a infância e a velhice.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista o diretor João Batista de Andrade, que comenta os bastidores da realização da série *Na Sombra da História*. O artigo da pesquisadora Mônica Brincalepe Campo aborda o filme como representação histórica. Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

CAPA: Mário de Andrade e os Modernistas, no episódio *Semana de Arte Moderna* da série *Na Sombra da História*
Foto: Divulgação

DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO 4
ENTREVISTA – João Batista de Andrade 8
ARTIGO – Mônica Brincalepe Campo 10

Ligações diretas

FOTO: ALEX RIBEIRO



Em sua companhia de dança Núcleo Artérias, a diretora Adriana Grechi procura estabelecer relações com outros artistas para trocar ideias sobre pesquisa de linguagem. Essa conceituação se estende para os propósitos do espetáculo *Escuro Visível*, exibido neste mês pelo SescTV.

“Ele surgiu em um momento em que estávamos muito interessados em pesquisar microacontecimentos no corpo, em fazer um mergulho nos fluxos internos que estão superconectados a uma ideia de desejo, no sentido do que te move, te motiva”, diz a diretora.

Para explorar as ligações que permeiam os sistemas orgânicos, ela opta por conferir um maior grau de autonomia aos elementos que compõem o todo, para que eles possam expor seus anseios e pulsões com espontaneidade. No caso da dança em si, a descentralização da força motora se dá pela inclusão das dançarinas no processo criativo em sua essência. “A gente não trabalha em um sistema hierárquico em que a diretora propõe e as outras pessoas realizam”, explica Adriana. “Todo mundo é criador do trabalho.”

Descentralizar é atividade exercida em paralelo à de reconectar-se, constantemente, em um universo de sensações fragmentadas. “Introduzimos uma dança de acesso mais profundo à essência da gente”, diz Lívia Seixas, responsável por criação, performance e preparação corporal. “A forma não é o mais importan-

te, é mais a sensação desse corpo e desse sentimento através da respiração e do sensorial.”

Na tentativa de simular o caos sensitivo a que os organismos são submetidos em sua busca por equilíbrio, uma voz em *off* introduz na cena frases recortadas, pinçadas de guias de cultura da mídia – “frases relacionadas a uma produção consumista de desejos que estão no universo das artes”, segundo Adriana. Enquanto isso, no princípio da coreografia, os corpos das três dançarinas se amontoam no centro do palco, desmembrados em identidades difusas e envoltos em lama, entre o prazer e o incômodo.

Na medida em que cada um busca seu próprio espaço, um lugar em que possa exercer e reconhecer suas individualidades, surge um conflito a partir da atração pelo outro, que contrapõe no privado o desmembramento psíquico e moral da solidão nas multidões. A pulsão que mistura morte e prazer provoca contínuos rompimentos e reinterpretações das relações, os quais induzem à confusão e ao sofrimento necessários para uma autonomia consistente. Daí o estado de tensão constante dos movimentos da dança, que se repetem exaustivamente nas conexões entre interior e exterior e entre sujeito e objeto. As intervenções sonoras de Dudu Tsuda potencializam a inquietude. “O que desenvolvemos no estúdio está completamente conectado às nossas reflexões”, afirma a diretora.

ESPETÁCULO *ESCURO VISÍVEL*, DA COMPANHIA NÚCLEO ARTÉRIAS, MAPEIA FLUXOS DO DESEJO NO CORPO

▶ DANÇA CONTEMPORÂNEA

Sextas, 21h

Escuro Visível - Adriana Grechi

Dia 1/5 12

Afro Margin/Nihil Obstat

Eliana de Santana/José Garcia

Dia 8/5 L

Colônia Penal - Cia Carne Agonizante

Dia 15/5 16

Cascas D'Ovo - Lander Patrick

Dia 22/5 14

Albedo - Maurício Oliveira & Siameses

Dia 29/5 14

Na outra margem do rio

FOTO: DIVULGAÇÃO



“O velho Chico é apenas o começo.” A fala de um dos anônimos participantes de *Um de Cada Dez*, documentário dirigido por Mario Kuperman, define a relação estabelecida entre o rio São Francisco e uma série de acontecimentos lindeiros ao seu curso que ocorrem no semiárido, região brasileira que abrange nove Estados e concentra mais de 20 milhões de habitantes. Isso significa que, em cada dez brasileiros, um vive ali.

O filme se desenha a partir de imagens do território, entre vegetações típicas e açudes, e depoimentos de moradores e operários que trabalham em obras nas barragens do rio, elementos costurados por narrativas em *off* que levantam questões conflituosas daquela área.

A própria seca é retirada de contexto meramente climático para uma reflexão sobre desigualdades de natureza econômica e social. “Não é só ausência de chuva o grande fator limitante da produção na região semiárida”, diz a narração. “O grande fator limitante é a distribuição dessas chuvas. Estiagem é um fenômeno cíclico e previsível. Seca é o despreparo dos técnicos, dos pesquisadores, dos gestores, da população frente à estiagem. Seca é uma convulsão social.”

Discutem-se, a partir do correr das águas, os interesses que opõem poder público, detentores do capital e pessoas mais carentes. Projetos de irrigação, por exemplo, são acessíveis às grandes fazendas, mas a agricultura de subsistência também precisa ter condições de adotar novas técnicas produtivas para ser rentável. “O projeto verdadeiro é aquele que faz com que os pequenos cresçam, mas, a partir do momento em que eles vão desaparecendo, não é progresso, é antiprogresso”, argumenta o filme, criticando, entre outras carências, a inoperância dos projetos governamentais para

o assentamento dos agricultores com menos recursos. A transformação do rio em fonte de energia elétrica e sua conseqüente descaracterização também são bastante questionadas.

O sistema educacional é tópico que, direta ou indiretamente, permeia todo o documentário. Diz-se em um depoimento: “A escola existe, mas de costas para os anseios da comunidade”. E hoje, na região, muita esperança é depositada no aprendizado a que vários jovens têm acesso, caso do estudante de engenharia cuja mãe acredita que a formatura do filho será a solução para todos os problemas locais. Na avaliação sustentada pelo roteiro, “há necessidade de mudança, e as duas grandes ferramentas para isso são educação e cultura, porque abrem as portas para um mundo novo”.

Água, energia elétrica, educação. Os desvios do rio São Francisco são espelho de distorções que extrapolam os limites de suas margens. Ou, como se pondera em determinado momento do documentário: “Eu penso que a vida nossa aqui no semiárido é uma questão para todos os brasileiros. Nós não somos do mesmo país?”.

UM DE CADA DEZ, FILME DE MARIO KUPERMAN, DISCUTE QUESTÕES SOCIOECONÔMICAS QUE AFETAM TODO O PAÍS

▶ DOCUMENTÁRIO

Um de Cada Dez

Dia 8/5, 20h 

Extremos do deslocamento

FOTO: DIVULGAÇÃO



Limitações da autonomia em fases extremas da vida, como a infância e a velhice, inspiram dois filmes de ficção vencedores do Prêmio de Aquisição SescTV do 25º Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo de 2014. As produções serão exibidas neste mês pelo SescTV.

Kyoto, dirigido por Deborah Viegas, explora com sutileza a imposição de padrões às crianças que muitas vezes não só descaracterizam a constituição da personalidade como também levam a diagnósticos errôneos sobre determinados comportamentos. Júlia tem sete anos e é uma estudante da segunda série do ensino fundamental. Quando a professora pede aos alunos que escrevam uma redação sobre as férias, a menina discorre sobre uma fictícia viagem ao Japão. Tanto na instância familiar como na educacional a fantasia é interpretada como deslocamento e inadequação, e as medidas coibidoras levam ao aparecimento de novas válvulas de escape, nem sempre benéficas.

Na velhice, a fuga, fantasiosa ou não, tem outro caráter, como visto em *O Último (Sonuncu)*, do Azerbaijão (2014), com direção de Sergey Pikalov. A ameaça da perda de uma identidade constituída ao longo de anos canaliza o enfrentamento para lembranças e os objetos que as materializam. Um ex-combatente de guerra vive sozinho em uma pequena casa isolada e divide suas atenções entre a prisão da memória e a de contratempos cotidianos, caso do estorvo de uma geladeira velha que funciona mal. Ele anota em um caderno, meticulosamente, os in-

tervalos em que o eletrodoméstico permanece em operação e aqueles em que arrefece, quase como se uma alternância entre lucidez e esquecimento. Na TV, o protagonista assiste ao noticiário que divulga a morte do último combatente da Primeira Guerra Mundial que ainda estava vivo, estabelecendo um paralelo com sua própria realidade. A única presença atual entre sua *memorabilia* é a do entregador de leite, contraponto de resistência à alienação.

Pikalov dirigiu séries e filmes para a TV russa entre 2005 e 2013. *Kyoto* é o filme de estreia de Deborah Viegas.

FILMES PREMIADOS NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE CURTAS-METRAGENS DE SÃO PAULO ABORDAM DILEMAS DA INFÂNCIA E DA VELHICE

▶ ESPECIAL CURTAS

Kyoto (Brasil)
O Último (Azerbaijão)

Dia 21/5, 21h **L**

Releitura do passado

FOTO: FLÁVIO DE BARROS



A série *Na Sombra da História*, dirigida pelo escritor, roteirista e cineasta João Batista de Andrade, propõe a leitura de fatos do passado a partir de seu impacto social, político e econômico nos dias atuais. Ou, na definição do próprio diretor, trata de como a história interfere na vida das pessoas hoje.

A problemática levantada pela série é a de que “vivemos um momento de empobrecimento da memória histórica”, segundo o historiador Marco Aurélio Nogueira, um dos entrevistados do programa. “É como se as pessoas não se vissem como parte de uma construção social”, diz. Como alternativa, configuram suas identidades ao agrupar-se em nichos demarcados não por classe ou ideologia. “Um filho de operário não se vê mais como membro da classe operária como o pai”, diz Nogueira. “Ele se vê como consumidor, como torcedor do Corinthians. Uns pintam o cabelo de roxo, outros colocam *piercing*. São as formas que sobraram para as pessoas tentarem se identificar no mundo.”

A pobreza da memória a que o historiador se refere – e, em certa medida, a indiferença a ela – é constatada em um trecho do terceiro episódio, *Inconfidência Mineira*. Questionada sobre o que acontecia no Brasil por ocasião do movimento, uma jovem mineira entrevistada riu e, como justificativa por não saber o que

responder, afirmou: “Eu faço medicina, não estudo isso [história] tem mil anos”.

Em contrapartida, a série instiga a reflexão justamente propondo aos brasileiros que discorram sobre breves textos historiográficos escritos em blocos de papel. Após lê-los em voz alta, esses indivíduos tecem considerações críticas acerca de seu conteúdo para as câmeras, em um diálogo com os realizadores, que fazem perguntas estimulando o debate em um momento de “crescente politização do Brasil”, como observa João Batista de Andrade.

O inevitável paralelismo firmado entre os fatos apresentados nos textos e conjunturas atuais se dá, na avaliação do diretor, porque “a tendência das pessoas, pelo pouco conhecimento histórico, é vir para o presente, que é o que incomoda”. E as comparações eventualmente extrapolam as cercanias mais imediatas do problema em pauta. Isso fica evidente em uma passagem do segundo episódio, *A Escravidão*. Uma das entrevistadas, idosa e branca, é convidada a expor suas impressões sobre o que motivava os negros a se refugiar em quilombos durante o período da escravatura. Ao concluir que aqueles eram espaços de convivência entre iguais que eram excluídos quando fora dali, a senhora se dá conta de que ela mesma, em situação de deslocamento social, vinha em busca de programas públicos de integração de idosos. E reconheceu-se no drama da outra classe apartada ao afirmar: “Sou uma negra tentando entrar no quilombo”. Com 13 episódios de 26 minutos, *Na Sombra da História* será exibida todas as segundas, às 20h. Leia também entrevista com João Batista de Andrade na pág. 8.

PROGRAMAS DE JOÃO BATISTA DE ANDRADE PERCORREM A HISTÓRIA NAS RUAS DE CIDADES BRASILEIRAS

▶ NA SOMBRA DA HISTÓRIA

Segundas, 20h **L**

Apresentação

Dia 11/5

A Escravidão

Dia 18/5

A Inconfidência Mineira

Dia 25/5

Passado à luz do presente

FOTO: ALEXANDRE NUNIS



JOÃO BATISTA DE ANDRADE tem 75 anos, é escritor, roteirista e cineasta. Seu primeiro filme foi o documentário *Liberdade de Imprensa* (1967), caracterizado como “cinema de intervenção” e apreendido pelo regime militar em 1968. Entre seus outros trabalhos se destacam *O Homem que Virou Suco*, *A Próxima Vítima*, *O País dos Tenentes*, *A Greve*, *O Tronco e Vlado*, *Trinta Anos Depois*, sobre seu amigo Vladimir Herzog. Foi secretário estadual de Cultura de São Paulo, quando criou a Lei da Cultura (PROAC) com editais e incentivos para a produção cultural. Em 2012 foi nomeado presidente da Fundação Memorial da América Latina. Neste mês estreia *Na Sombra da História*, nova série do SescTV.

A FORMAÇÃO CULTURAL SEMPRE FOI ELITISTA. VOCÊ VÊ O PAPEL QUE OS AFRICANOS TIVERAM NA FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO E VÊ A SITUAÇÃO DELES ATÉ HOJE

Há alguma ligação da nova série com o seu filme *Liberdade de Imprensa* (1967)?

Eu acho que tem tudo a ver com o *Liberdade de Imprensa* porque ele é a matriz do meu cinema documentário. Quando o viram, pessoas importantes do cinema brasileiro, como Jean-Claude Bernardet e José Carlos Avellar, acharam que ele era uma renovação, um rompimento com a tradição que se seguia aqui, com a ideia do cinema que esconde a câmera e a equipe, como se para filmar a realidade fosse preciso fazer de conta que se está ausente. Eu fiz o contrário.

Esse rompimento foi pensado, ou surgiu espontaneamente?

Eu descobri isso na filmagem. O meu impulso foi por aí. Tem uma sequência no *Liberdade de Imprensa* em que eu levo livros para as pessoas lerem na rua. Eu filmo a distribuição, filmo a leitura e depois vou conversar com as pessoas sobre o que elas leram. Isso acabou recebendo o nome de cinema de intervenção. Eu intervenho na realidade, a realidade se modifica e eu filmo a modificação. Em vez de esconder a presença, deve-se levar em conta que a simples filmagem já muda a realidade. Então era preciso aprender a usar essa mudança. Descobri que estando presente eu tenho mais capacidade de revelar coisas que estão ocultas.

Isso não pode parecer ruído visual para algumas pessoas?

Eu sou um documentarista tradicional e sou considerado um dos principais documentaristas brasileiros. Essa é e sempre foi a minha linha. Eu faço questão de que o espectador sinta o tempo todo que aquilo é uma filmagem, isso dá mais espírito crítico para ele. Hoje essa é uma linha extremamente aceita em documentário, mas no tempo do *Liberdade de Imprensa* não. O [Eduardo] Coutinho, no *Cabra Marcado para Morrer*, que ele fez nos anos 1980, já andava com a câmera acompanhando, entrando nos lugares.

Como você transpõe esse pensamento para a edição?

Eu filmo com três câmeras. Sempre tem uma que está mais fechada nos depoimentos. Outra pega o entorno, os movimentos de fora, as pessoas passando, olhando, curiosas. E há uma terceira, média, na qual eu estou presente, a pessoa que depõe está presente, eventualmente um fragmento da equipe. São três planos para a gente montar.

Em *Na Sombra da História*, qual o propósito de não identificar os entrevistados?

Esse filme é rua. As pessoas que foram filmadas são pessoas comuns da rua, elas não estão ali pela sua função na sociedade. O professor Marco Aurélio Nogueira, que dá um depoimento, estava na Barão de Itapetininga (centro de São Paulo) com o filho dele. Não busquei ninguém, as pessoas foram escolhidas ao acaso, em lugares movimentados.

O programa suscita a necessidade de conhecimento histórico do brasileiro?

Hoje a falta de memória do Brasil em relação ao passado é impressionante. Eu acho que esse desconhecimento passa pelo processo de formação da sociedade brasileira, que torna as pessoas muito pragmáticas. É o dia a dia que vale, como você vai ganhá-lo. A formação cultural sempre foi elitista. Você vê o papel que os africanos tiveram na formação do povo brasileiro e vê a situação deles até hoje. Eles são marginalizados, perseguidos, discriminados. A formação do povo brasileiro se dá subalternamente, tentando encontrar espaço dentro de uma sociedade que, primeiro, foi ocupada pelos portugueses, espanhóis, árabes, italianos, que vieram de países onde a luta de classes já estava mais avançada e formaram uma camada média da sociedade. Essas pessoas já tinham consciência dessas questões, tanto que os movimentos sociais estouram no

começo do século passado com imigrantes, espanhóis e italianos principalmente. A formação do povo brasileiro é pobre culturalmente. O sistema de educação, em vez de chamar as pessoas para as coisas que elas vivem e para a história delas, é um sistema imposto, uma burocracia. O domínio oligárquico é tão grande que as pessoas têm vergonha de não saber as coisas e de falar de sua origem também. Quem expõe a sua realidade são só os rebeldes, que estouram. Esse medo imposto pela própria aristocracia à população a afasta de tentar saber demais das coisas. O povo brasileiro foi criado com um medo pavoroso de se imiscuir nas questões da elite e dos poderosos. Vivemos um momento de esgotamento ideológico, dos modelos ideológicos, de partidos que estão superados no mundo inteiro e não só aqui. O aumento de uma população com desejo de participar, no mundo inteiro, é muito grande. Aqui há uma insatisfação com a forma como o país é gerido.

E essa falta de memória histórica não prejudica as pessoas na hora de reivindicar alguma coisa?

Prejudica porque falta referência de como a população lutou no passado. É por isso que quero falar do passado para revelar o presente. O conhecimento histórico ajuda a sociedade a encontrar caminhos de luta, ajuda as pessoas a perceber que elas têm um papel na construção da história. A história existe na vida das pessoas, só que elas não têm consciência, não têm memória disso. Por isso está na sombra. Recuperar isso é muito importante. Eu acho que a série ganhou mais atualidade pelo momento em que a gente se encontra. A história é viva. *Na Sombra da História* é um experimento, é uma educação histórica ao vivo.

**O CONHECIMENTO HISTÓRICO
AJUDA AS PESSOAS A PERCEBER
QUE ELAS TÊM UM PAPEL NA
CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA**



O filme como representação histórica

A relação entre história e cinema ocorre desde os primórdios da invenção técnica do cinematógrafo pelos irmãos Lumière. Filmes produzidos sem que a narrativa ainda estivesse constituída se prestavam ao registro de viajantes que o haviam adquirido. Dessas experiências, a linguagem começou a ser edificada, e pequenas narrativas passaram a ser produzidas. Tanto no campo documentário quanto no do cinema de ficção, desde o início da circulação dos aparelhos há filmes realizados por todo o Brasil.

O deslumbre da chegada de navio à Baía de Guanabara, o encontro com as florestas tropicais, a cidade em movimento e o projeto de expansão modernizadora são registros particulares existentes e tentativas iniciais de organização de uma produção em série. Pequenos documentários (digamos assim) em que famílias se preocupavam em registrar o próprio lazer e seu lugar na sociedade fazem parte do acervo da Cinemateca Brasileira. Filmes documentários feitos sob encomenda de industriais, os quais funcionavam como pequenas obras de propaganda, visavam à construção de narrativas afirmativas do poder em expansão. Hoje esse acervo nutre pesquisas sobre hábitos, costumes, questões de política e representação de poder, entre várias novas abordagens e problemas que acadêmicos e curiosos encontram ao se debruçarem sobre esse material.

O filme histórico vem no bojo do desenvolvimento da narrativa cinematográfica e é simultâneo a essa produção caseira e de encomenda. Em São Paulo, imigrantes envolvidos com o entretenimento, espetáculos em geral (teatro, circo, musicais etc.) são os primeiros produtores de uma cinematografia que pretende contar a história do Brasil. As referências para as representações são tomadas principalmente da literatura brasileira romântica do século XIX. O indianismo literário serviu de inspiração aos temas adaptados em filmes produzidos precariamente. Nesses filmes, exaltavam-se miticamente os indígenas, tratados de maneira idealizada. Entretanto, os índios não podiam representar a si mesmos. O cineasta Vittorio Capellaro, em 1926, foi interrogado na delegacia de São Vicente por ter chamado indígenas locais para participar da filmagem de adaptação do livro *O Guarani*. O delegado questionava por que, diante de nosso progresso e desenvolvimento, colocar indígenas atuando. Assim, atores negros costumavam representar o papel de indígenas, embora, e contraditoriamente, não pudessem ver suas próprias histórias representadas em tela, pois estas não haviam sido incluídas na história do Brasil até então construída. Dos primeiros cineastas restaram basicamente os relatos coletados em

depoimentos para a construção de uma história desses primeiros tempos, e pouco material fílmico sobreviveu à precariedade de sua preservação.

Nos anos 1930 e 1940, foram produzidas narrativas mais organizadas e houve financiamento do Estado para algumas produções de cunho nacionalista. Humberto Mauro realizou *O Descobrimto do Brasil* e *Os Bandeirantes*, entre vários outros filmes que eram encomendados para corroborar uma história oficial do Brasil. Entretanto, os filmes produzidos nem sempre atingiram as finalidades dos projetos originais e foram rejeitados pelo público. Escolas cinematográficas diversas e concorrentes se difundiram desde então; seja na abordagem romântica, patriótica ou nacionalista, como também alegórica (que despontou com o Cinema Novo nos anos 1960/70, em plena Ditadura Civil-Militar), a História foi tema polêmico dos discursos produzidos.

Em 1972, *Independência ou Morte*, filme produzido pela companhia cinematográfica Cinedistri, de Oswaldo Massaini, com o ator-galã das novelas Tarcísio Meira, narrou patrioticamente o momento da separação de Portugal. O filme foi muito bem recebido pelo público e pelo governo do gal. E. G. Médici, e correspondia aos anseios comemorativos do momento histórico, o bicentenário da Independência. Entretanto, não recebeu financiamento do Estado, sendo um filme de iniciativa privada. Outra produção a tratar desse tema, e também comparável em termos de sucesso, é *Carlota Joaquina: Princesa do Brasil*, de Carla Camurati, realizada a partir da Lei Rouanet e, portanto, com o aval do Estado. O filme faz uma abordagem carnalizante da vinda da família real ao Brasil, em que a política e os políticos são desqualificados. O retorno de público foi generoso e marcou um processo de restabelecimento da produção cinematográfica nacional, reiniciada desde a organização das leis de isenção fiscal no governo de Itamar Franco.

As polêmicas em torno da representação do Brasil seguem porque o ver-se em tela provoca incômodo e gera atritos ao (des)sacralizar a maneira como nos compreendemos. O auto-olhar alimenta as diversas possibilidades de expressão e reconhecimento necessárias para a própria identidade e construção cidadã do país. A produção fílmica é necessária e salutar para o permanente questionamento construtivo da sociedade democrática.

Mônica Brincalpe Campo é professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia e desenvolve pesquisa em história e cinema.

ÚLTIMO BLOCO

FOTO: DIVULGAÇÃO



MEIOS E PALAVRAS

Reflexões sobre sistemas e meios de leitura marcam os dois documentários do programa *Palavras Escritas*, que a série *CurtaDoc* apresenta no dia 12/5. No primeiro, *A Vida pelo Toque* (2011), de Rodson Baldan, o tema são as aplicações do alfabeto Braille como ferramenta de inclusão. Em *Transcrever* (2012), de Paulo Murilo Fonseca e Pollyana Ferrari, especialistas como Matinas Suzuki analisam semelhanças e diferenças entre o livro impresso e o digital. A série exhibe ainda *Verve Musical* no dia 5/5; *Arte Pública*, no dia 19/5; e *Imagem Fixa*, no dia 26/5. **Terças, às 21h.** Confira classificação indicativa no site.

FOTO: CAMILLA MIRANDA



SONORIDADE CÓSMICA

O compositor, pianista e poeta Herman Poole assumiu a identidade do egípcio Sun Ra à frente da banda norte-americana Sun Ra Arkestra. Quando morreu, em 1993, foi substituído pelo saxofonista John Gilmore, que, por sua vez, deu lugar ao também saxofonista Marshall Allen. É ele que comanda o grupo de "space music", que combina estilos como bebop e swing em performances teatrais, no show gravado no Sesc Pompeia durante o Nublu Jazz Festival e que vai ao ar no dia 20/5. Outros programas musicais deste mês: Lonnie Smith, dia 6/5; Primavera Villani, dia 13/5; e Lee Fields, dia 27/5. **Quartas, às 22h.** **L**

TEMPO E VIOLÊNCIA

O tempo do objeto artístico, as relações entre as pessoas e a concepção da violência pelo homem norteiam as produções de Gisele Motta e Leandro Lima, que se conheceram na faculdade e começaram a carreira utilizando o vídeo como suporte – trabalham também com instalação e fotografia. O programa com a dupla, episódio de *Artes Visuais* que será exibido no dia 6/5, foca as exposições Anti-horário, realizada na Galeria Vermelho, e Território de Contato, no Sesc Pompeia. A série mostra ainda *Raquel Kogan* no dia 13/5; *Lucas Bambozzi* no dia 20/5; e *Dias & Riedweg* no dia 27/5. Direção: Cacá Vivalvi. **Quartas, às 21h30.** **L**

NOS BASTIDORES DAS INFLUÊNCIAS

Encontros de estilos e influências marcam *Índio Cachoeira* e *Ricardo Vignini*, episódio inédito da série *Instrumental Sesc Brasil* que será exibido no dia 3/5. O show se baseia no álbum *Viola Caipira Duas Gerações*, legado do convívio de Cachoeira com bolivianos, peruanos e paraguaios. O violeiro Oliveira Fontes, antigo parceiro de Índio, participa do programa, que mostra ainda um ensaio de Vignini com sua banda Matuto Moderno, de rock com pegada caipira. A série apresenta *Sérgio Galvão* no dia 10/5; *São Paulo Ska Jazz*, no dia 17/5; *Duca Belintani*, no dia 24/5; e *Improvisado*, no dia 31/5. Direção para TV: Max Alvim. **Domingos, às 21h30.** **L**

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sesc.tv.org.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

sescsp.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães
Redação: Adriana Reis, João Cotrim e Edson Valente
Editoração: Ana Cláudia Imaizumi Pereira
Revisão: Marcelo Almada

Sesctv

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jô Santana, Jucimara Serra e Glauco Gotardi
Estagiária: Carolina Pulice

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sescsp.org.br
Leia as edições anteriores em sescsp.org.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista à programação do SescTV ao vivo.

Alemanha Groove

um documentário sobre *nu-jazz*

Dia 11/6
QUINTA
21H

Acompanhe o SescTV:
sesc.tv.org.br



/SESC TV

Club des Belles. Foto: Dyonágras